

9

C I N E C L U B E T I R O L
N A T A L

BOLETIM
DECINEMA

n. 1 - setembro-outubro de 1964

M A T E R I A

1. Apresentação
2. A Temática do Cinema Novo
3. Deus e o Diabo na Terra do Sol
4. Vidas Secas
5. O Homem de Alcatraz
6. Se Meu Apartamento Falasse
7. Quadro de Cotações CCT
8. Noticiário e Resenha de lançamentos

BOLETIM DE CINEMA bimensal, editado pelo
CINECLUBE TIROL - Natal - RN

APRESENTAÇÃO

O cinema é a arte universal por excelência. Uma arte sem fronteiras, uma arte moderna: todos os caminhos da expressão e da comunicação humanas estão sendo enriquecidos pela forma da arte fílmica, todos os avanços estéticos desaguam inevitavelmente nas próprias bases da dialética cinematográfica. O cinema clássico-discursivo provou a universalidade da linguagem da nova arte. O novo cinema avança a passos largos para a pesquisa além das atuais fronteiras da expressão estética e começa a afirmar os prolegômenos de uma nova poética.

Nestes tempos fundamentais somos um pequeno grupo, parte de um grupo maior de ativistas no campo geral da cultura, que, entendendo a elevada significação do cinema, nos esforçamos por participar dessa realidade e dar aos que ainda não o fazem condições de atuar de muitas formas.

Uma das formas da atuação do Cineclube Tirol através dos seus componentes: fazendo um Cinema de Arte, exercendo orientação cinematográfica mediante atividade crítica.

Outra forma: fazendo cinema. O CCT pretende começar no ano vindouro uma ativa participação nesse importante setor da cultura cinematográfica.

Um terceiro meio: esta revista ou boletim, cuja publicação começa agora, em novembro de 1964, e que tencionamos manter sempre ativo, inclusive dotada de melhor apresentação, no futuro. É um meio de manifestação cultural da maior importância, de exercício para os cineclubistas, de divulgação do que fôr feito na região e no país no setor cinematográfico, de defesa do cinema brasileiro, de documentação local.

Com a circulação deste Boletim CCT de Cinema, julgamos estar no caminho certo.

ENS A I OA TEMÁTICA DO
CINEMA NOVO:
LINHAS GERAIS

Franklin Capistrano

Para que a arte seja autêntica no mais profundo sentido terá que refletir as bases estruturais do meio ambiente onde floresce. E a arte fílmica no Brasil nesta década encontrou, podemos afirmar, o seu verdadeiro caminho. Isto porque um grupo de jovens diretores, muitos saídos da crítica cinematográfica, revelaram sensibilidade na transposição dos fenômenos da nossa sociedade, sentindo a ânsia de um povo na busca da sua afirmação. Com a câmara nas mãos estão mostrando a nossa realidade sem mistificação e perfeitamente conscientes da responsabilidade artística que devem ter.

Gláuber Rocha, desde que anunciou o término das filmagens de "Deus e o Diabo na Terra do Sol", foi bastante criticado pelos inimigos do nosso cinema, que anunciaram um fracasso ilusório do filme. Lá na Europa, porém, justamente no Festival de Cannes, o talento de Gláuber impressionou vivamente a crítica europeia, que notou os sinais do amadurecimento do nosso cinema. Estava desmascarada a reação. O que caracteriza a autenticidade de "Deus e o Diabo na Terra do Sol" é, sem dúvida, a análise lúcida da nossa sociedade, pela focalização de tipos oriundos das nossas próprias contradições. As figuras do vaqueiro, do místico, do cangaceiro são apresentadas em todas as suas dimensões, fixando o tema da busca do homem por algo que o liberte da tormentosa existência fundada na injustiça. O estilo de Gláuber Rocha é vibrante e o seu filme inconformista e polêmico.

Já Nelson Pereira dos Santos, na sua melhor realização, faz um estudo perfeito do sertanejo nordes-

tino. "Vidas Secas" foi um feliz momento do seu diretor, que na adaptação da mamosa obra literária mostrou fidelidade a Graciliano Ramos, sem deixar de fazer transparecer suas peculiaridades próprias. Uma família de retirantes perseguida pelo sol causticante do Nordeste, acossada na situação de pária e focalizada com a secura das imagens que Pereira dos Santos quase consegue fazer falar. O filme foi inspirado na nossa realidade, como o romance de Graciliano. É preciso notar que a preocupação maior do Cinema Novo é justamente refletir o sentimento do povo. O tema Nordeste teve e tem papel de destaque na nossa cinematografia.

Outros filmes de conteúdo distinto dos de "Vidas Secas" e "Deus e o Diabo na Terra do Sol" também sobressaíram, como é o caso do discutido filme de Ruy Guerra, "Os Cafajestes". O quadro de um dos nossos principais aglomerados humanos, e aquela insaciável vontade de viver a hora presente. A inconsequência do ato praticado e o desespero do impossível, mostrados através de uma sólida consciência cinematográfica.

Usando ainda os grandes centros urbanos como ambiente, Roberto Farias também teve uma experiência válida, analisando um caso real de banditismo e mostrando com objetividade a miséria como motivo da marginalização do homem. Os bandidos retratados por Farias em "Assalto ao Trem Pagador" foram fiéis ao temperamento emotivo nacional e Roberto Farias definiu-se como humanista através dessa análise do problema da delinquência.

Carlos Diegues, com o seu "Ganga Zumba", obra de interpretação histórica de uma raça que contribuiu decisivamente para a formação da cultura brasileira. A luta do negro contra a escravidão, sua ânsia pela integração na sociedade. "Ganga Zumba" foi uma realização positiva pois procurou dar conteúdo próprio ao nosso cinema.

Joaquim Pedro de Andrade revelou-se com "Couro de Gato", episódio poético de "Cinco Vezes Favela. Mas sua afirmação como realizador maior está na primeira experiência brasileira do chamado CINE

NEMA VERDADE (que tem em Jean Rouch um dos seus nomes principais). O futebol como esporte popular em nosso país, o estudo das multidões diante das vitórias ou derrotas e observações muito sérias, como esta: a influência que o futebol exerce na nossa / qualidade de povo, o efeito do resultado das partidas na alma do brasileiro, o ídolo futebolístico como encarnação do herói.

Justo que se diga: foi a temática do cinema novo que trouxe a revitalização da arte fílmica nacional. Hoje estamos na vanguarda da América Latina, o que demonstra a pujança do talento dos novos cineastas e a certeza do caminho que escolheram, revelando a alma da nossa gente e sua cultura. A geração nova que faz cinema tem realmente muito talento e a coragem de enfrentar todas as dificuldades unicamente por amor à arte.

CRITICAS DE FILMES

DEUS
E O DIABO
NA TERRA DO SOL

por Moacyr Cirne

Glauber Rocha, violentando corajosamente as regrinhas do cinema tradicionalista e desprezando as masturbações crítico-morais de uma sociedade / hipócrita, realizou o primeiro monumento da filmologia brasileira: DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL. Mistifismo & cangaço explodem em fúria selvagem e Glauber Rocha, entre três ou quatro cenas geniais e outras tantas (quase) medíocres, termina por sugerir uma transformação radical em nossas estruturas sociais - "o mar vai virar sertão e o sertão vai virar mar". A película do jovem cineasta baiano, narrada em ritmo de epopéia, tem um sentido alegórico que desnorteia o espectador comum e um sentido inventivo que provoca repulsa dos mais reacionários e/ou mais conformistas.

O espectador comum, e um sentido inventivo que provoca repulsa dos mais reacionários e/ou conformistas. Exemplos: as constantes pregações do Deus negro (o beato Sebastião); o ritual na casa do coronel, onde a noiva é possuída pelo Diabo Louro (o cangaceiro Corisco) e o noivo tem sua "macheza" cortada por Satanaz (o vaqueiro Manuel), etc. As influências são várias, mas todas elas condicionadas ao seu talento criador: Godard (jogo de elipses e delírios da câmara), Eisenstein (montagem: o massacre dos beatos por Antônio das Mortes, exemplificando, é de inspiração potemkiniana), Kurosawa (violência estético-temática) e - segundo o próprio Gláuber Rocha - Buñuel e Visconti (dos primeiros filmes). Entre tudo isso e o engajamento com a realidade nacional não existe / nenhuma alienação ou falsidade de valores: às vezes é preciso fazer do cinema - arte universal - uma arma a serviço do povo.

Infelizmente parece que o cinema brasileiro (sem Ankito, Zé Trindade, Oscarito e outros imbecilóides) morreu no último 1º de abril. Difícil será agora, com a censura prévia dos roteiros, aparecerem novos DEUS E O DIABO. Gláuber Rocha já decidiu: " (...) vou arrumar malas para a Europa atrás de um lugar onde eu possa trabalhar com o mínimo de respeito. Aquino Brasil, em 1964, ser intelectual em cinema é a mesma coisa que ser comunista numa família quatrocentona."

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL

Direção e argumento de Glauber Rocha. Fotografia de Waldemar Lima. Elenco: Geraldo del Rey, Ioná Magalhães, Maurício do Vale, Othon Bastos, Lidia Silva. Representante oficial do Brasil em Cannes/1964.

VIDAS SECAS

Gilberto Stabili

O consagrado romance de Graciliano Ramos - romance desmontável - na classificação de Rubem Braga

serviu de modelo e inspiração para que Nelson Pereira realizasse um filme de elevado nível artístico, não o mais avançado do novo cinema brasileiro, ou o mais inventivo (Dus e o Diabo na Terra do Sol é - que é) nem um "filme desmontável", como o modelo literário, mas o mais homogêneo e mais comunicativo - dos filmes brasileiros que conhecemos, num sentido elevado de expressão artística.

Um filme que não desmerece o grandelivro e que se mantém dignamente num plano de independência criativa. Só isso bastaria para garantir a "Dicas Sêcas" simpatia e aplausos. Mas a fita de Nelson vai além dessa liberdade respeitosa, é um autêntico exercício de criação artística, de comunicação estética, emotiva e conceitual, feita com inteligência e sensibilidade.

No plano puramente novelístico o filme é tão convincente quanto o livro. As situações e personagens foram descritos ou pintados de modo bastante sensível. Por outro lado, o meio físico e social está fixado com propriedade e os temas desenvolvidos mediante processos que visam comunicar ao mesmo tempo a idéia e a emoção, o que é o ideal.

O que se exige das adaptações cinematográficas de originais literários é que a realidade sensível e o clima do modelo sejam conseguidos pela síntese imagem-ritmo. "Vidas Sêcas" talvez seja até fiel / demais ao admirável romance de Graciliano, mas em nenhum momento o filme copia ou ilustra impessoalmente, nunca a linguagem puramente cinematográfica abdica da sua individualidade expressiva. O filme de Nelson Pereira, dito isto, é tão válida quanto o romance de Graciliano, em todos os planos: o drama individual dos personagens (Fabiano, Sinhá Vitória); o quadro mais amplo da família sertaneja na luta cotidiana pela sobrevivência; o mais amplo drama telúrico (e social, e econômico e metafísico) do homem e a terra, o destino do homem, sua sorte ou desgraça alegrias e tristeza, bondade e maldade, esperança e desespero.

Tôdas essas feições são não só nítidas em "Vidas Sêcas" como conseguidas em linguagem pessoal e

e extremamente comunicativa. Nenhum filme brasileiro em qualquer época colocou tão bem, por exemplo, o drama do sertanejo diante da seca. Nenhum foi tão humano, tão sincero e convincente na retratação de uma família nordestina típica do sertão assolado pela seca - uma família como prototipo de toda uma humanidade sofredora. Nenhum universalizou essa temática com a força do filme de Nelson Pereira, ao situar o drama no seu contexto real (físico e social) sem nunca addicar ao tratamento primeiro e principal do homem - sua luta, suas esperanças, seu sofrimento, sua constante desilusão.

"Vidas Sêcas" como "Deus e o Diabo na Terra do Sol" tem força de epopéia. Uma epôica diferente, percorrida menos de sangue que de sofrimento, menos de rebelião que de aceitação dos fatos irremovíveis, menos de acenos panfletários que de esperança longínqua. Esperança que é a fuga do sertão abandonado injustiçado e humilhado, a esperança de um dia viver decentemente: "Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a caatinga onde havia montes baixos, / cascalho, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo (...)"

Algumas cenas admiráveis atestam o talento do diretor, mas é no poder de síntese, no sentido unitário de conjunto, na capacidade poética que reside sua virtude maior, até quando a ingenuidade e o simplismo atestam um estilo. Pena que alguns intérpretes não o tenham ajudado a dar maior autenticidade a certas situações e a determinados personagens. Átila Iório, por exemplo, não é um bom Fabiano. Pena, também, que alguns momentos menores quebrem ali e aqui a unidade de uma obra que vale principalmente por havê-la atingido melhor do que qualquer outra realização do nosso cinema.

VIDAS SECAS

Direção e roteiro de Nelson Pereira dos Santos, baseado no romance de Graciliano Ramos. Fotografia de Luis Carlos Barreto e José Rosa. Elenco: Maria Ribeiro, Átila Iório, Orlando Macedo, Jôfre Soares. Três prêmios no Festival de Cannes/64.

O HOMEM DE
ALCATRAZ =

(The Birdman of Alcatraz)

Alderico Leandro.

Depois que Jules Dassin insolitamente nos sacudi na cara em 1947 um punhado de "brutalidade" com "Brute Force", filme que transpôs as grossas paredes de um presídio para mostrar aos que estão fora o sadismo ali aninhado, somente viemos ver algo comparável doze anos depois (1959), quando Robert Wise, que brando o silêncio provocado pelo escândalo de "Brutalidade", remove os processos judiciais com um ensurdecedor grito de QUERO VIVER - I Want to Live.

Enquanto ainda ecoavam em nossos ouvidos as buzinas dos carros que repetiam insistentemente o nome de Barbara Graham, pondo emlouca o surdo jornalista que cooperou para a sua condenação à Câmara de Gás, eis que surge o barulho rítmico de uma locomotiva e o tilintar de vidro que se parte quando Robert S... Stroud, de um murro, quebra a janela do vagão onde viaja com destino à penitenciária, para não morrer asfixiado. Ele quer viver. Por isso tem de lutar. A vida é para ser vivida, diz Robert Stroud, "O Homem de Alcatraz". Está começada a última parte da trilogia iniciada por Jules Dassin com toda a sua brutalidade, continuada por Jules, digo, Robert Wise, com todo o seu clamor para John Frankheimer confirmar / com o grito de vontade de viver.

"O Homem de Alcatraz" constitui-se num depoimento sobre a condição de vida a que estão forçados os condenados da lei. O desprezo social e humano a que são submetidos e a falta de incentivo ou reeducação para a recuperação e readaptação à vida.

John Frankheimer consegue provar da forma mais honesta possível, desvendando: se habilmente da hipocrisia, a coisificação do presidiário. Ao mesmo tempo mostra a possibilidade da sua reeducação, da formação de uma mentalidade útil e construtiva.

A linguagem de Frankheimer além de ser acessí-

vel é eloquente. A franca comunicabilidade existente faz com que o público sinta interesse pela narrativa que não cansa, embora seja longa. É o que se pode denominar de cinema sem pressa. Na cena do nascimento do canário, Frankheimer concentrou a câmera fixa e fez uma tomada única durante dois minutos. É do seu estilo natural a narrativa estendida e lenta.

Temática: o valor da vida. Dita antes em "Anjo Violento" - All Fall Down - e confirmada agora.

Excelente a criação de tipos. O clima de meio-humor reinante dosa de quando em vez a cerrada dramática da obra de matizes agradáveis.

Burt Lancaster que já tinha comprovado sua capacidade dramática desde há 15 anos passados, nas mãos de Dassin (Brute Force), tocando a metralhadora pelos canários cria extraordinariamente o personagem / de Robert Stroud, numa atuação que dificilmente será esquecida.

O estudo transformativo da personalidade de R. Stroud é desenvolvido habilmente por J.F. que, apesar de quase iniciante, já se mostra como um dos melhores cineastas americanos.

The Birdman of Alcatraz é uma realização forte, inteligente, equilibrada e sincera.

O HOMEM
DE ALCATRAZ

Direção de John Frankheimer. Roteiro de Guy Trosper, baseado na biografia de Robert Stroud escrita por Thomas E. Gaddis. Fotografia de Burnett Guffey. Elenco: Burt Lancaster, Thelma Ritter, Karl Malden, Neville Brand, Edmond O'Brien, Betty Field, Teddy Savalas. United Artists, 1962.

S E
MEU APARTAMENTO FALASSE
(The Apartment)

Valdecir Lacerda

Embora sem encontrar em Billy Wilder um dos

um dos seus adeptos mais fervorosos - já que Wilder não quis assumir uma posição de especialista, o fato é que a comédia americana no decurso do sonoro, desdeo mestre Frank Capra até renovação empreendida atualmente por Jerry Lewis, passando por Frank Tashlin -, poucas vezes tem encontrado espírito tão fiel e consciente das suas ascendências e tradições. Admirável em Wilder porém, a par de uma marcante versatilidade (haja vista sua vitalidade no trato não só do cômico como do dramático em sentido geral), é a extrema habilidade com que esse veterano cineasta explora o campo da comédia cinematográfica, em seus mais diversos matizes. Sua extensa atividade nesse campo compreende desde a comédia sofisticada ("O Pecado Mora ao Lado"), a romântica ("Sabrina"), até a satírica ("Quanto Mais Quenta Melhor").

The Apartment ("Se Meu Apartamento Falasse") é um título que veio enriquecer a obra de Wilder firmando cada vez mais o seu nome como um dos mais ilustres cultores da especialidade.

Nesta fita, como já ocorrera em "O Pecado Mora ao Lado", temos novamente um apartamento (elemento que se vem tornando quase privativo da comédia americana, sobretudo da sofisticada) como "back-ground" na esquematização e desenvolvimento do cenário, o qual, como sempre ocorre nas comédias de Wilder, prima por um cuidadosa trabalho de elaboração.

Jack Lemmon é o modesto funcionário de uma gigantesca corporação capitalista que logra galgar altos postos administrativos utilizando meios escabrosos, como ceder seu apartamento para as noitadas dos seus chefes, em troca de vantagens promocionais. Atingindo assim posição privilegiada na empresa, em meteórica ascensão, Lemmon termina porém vitimado pelo seu próprio jogo e envolvido em complicações de ordem afetiva que o levam à rebelião e à renúncia aos seus objetivos anteriores.

E esta, em poucas palavras, asíntese do argumento usado por Billy Wilder para nos oferecer

um dos seus melhores trabalhos, expressando sua arguta, sutil e sobretudo irreverente reprimenda a certos aspectos do capitalismo, no que esse sistema tem de mais absurdo e inominável. Uma visão lúcida, em tom de comédia, do lado negativo de certas sujeiras inerentes às grandes empresas. Dentro do implacável sistema satírico armado por I.L. Diamond e Wilder, pouca coisa escapa a uma observação ferina e mordaz. Os chefes e suas mentalidades estreitas ou inescrupulosas encontram uma adequada retratação e se revestem no filme de grande eloquência quando as relações entre patroes e empregados são enfocadas (o "affaire" de que é vítima Shirley McLaine serve apenas de continuidade, pois assim como outros o antecederam, outros o sucederão...).

A própria ascensão do personagem encarnado por Jack Lemmon pode servir, no que se refere à utilização de meios rasteiros, como ilustração da forma de crescimento do capitalismo... Por outro lado, cenas à primeira vista de pouca importância, como aquela em que Lemmon liga o vídeo em seu apartamento, não deixam de encerrar aguda censura ao atual sistema de televisãoamento nos Estados Unidos.

E, na linha acadêmica de seu cinema, assim é o Billy Wilder de "Se Meu Apartamento Falasse": satírico, terno, malicioso, romântico e acreditando na ainda não total conspurcabilidade moral do homem.

SE MEU APARTAMENTO FALASSE

The Apartment

Direção de Billy Wilder

Roteiro de I.L. Diamond e Billy Wilder

Atores principais: Jack Lemmon, Shirley McLaine, Fred McMurray.

United Artists, 1959

1959.

QUADRO DL COTAÇÕES CCTIROL
setembro/outubro

Alderico Leandro
Antônio do Vale
Benedito Chaves
Ermano Oliveira
Francisco Alves

Franklin Capistrano
Gilberto Gomes
Moacy Cirne
Paulo Rocha
Valdecir Lacerda

FILMES	A.L.	A.V.	B.C.	E.O.	F.A.	F.C.	G.G.	M.C.	P.R.	V.L.
Deus e o Diabo na Terra do Sol	+++	+++	+++	+++	+++	+++	+++	+++	+++	+++
Vidas Secas	+++	+++	+++	+++	+++	+++	+++	+++	+++	+++
O Homem de Alcatraz	+++	+++	++	++	++	++	++	++	+++	++
Se Meu Apart.o Fosse	+++	+++	+++	+++	+++	+++	++	++	+++	+++
Garrincha	+++	-	++	++	-	++	++	++	+++	++
666 - A Legião do Povo	++	++	++	++	++	++	++	++	+++	++
Entre Deus e o Pecado	++	++	++	++	++	++	-	+	+++	++
O Terror das Mulheres	+++	++	+	++	++	++	++	++	+++	+
Hatari	++	++	++	++	-	++	++	++	+++	++
Alucinação Sensual	++	+	+	-	++	+	+	+	+++	++
Um Domingo em Nova Iorque	+	++	++	-	++	-	++	++	+++	+++
História de um Amor	+	++	++	-	++	+	++	++	+++	+++
Aquêle C.so Maldito	=	++	++	+	+	+	++	+	+	+
Lolita	+	+	+	+	+	+	++	+	++	+
Anjo de Pedra	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+

1964

BOLETIM DE CINEMA

NOTICIÁRIO

CINEMA DE ARTE
HISTORICO

O Cinema de Arte de Natal foi inaugurado no dia 16 de fevereiro de 1962, com a exibição do filme Glória Feita de Sangue. Daquêle dia até hoje já foram realizadas perto de 50 sessões, selecionados pelo Cineclube Tirol. São os seguintes os filmes / exibidos no Cinema de Arte:

GLORIA FEITA DE SANGUE - Stanley Kubrick
 UMBERTO D - Vittorio de Sica
 UMA LIÇÃO DE AMOR - Ingmar Bergman
 POR TERNURA TAMBÉM SE MATA - René Clair
 A VOZ DO SILÊNCIO - G.W.Pabst
 ACORRENTADOS - Stanley Kramer
 APASSIONATA - Jiri Weiss
 EUROPA 51 - Roberto Rossellini
 SE TODOS OS HOMENS DO MUNDO - Christian Jaque
 O BALÃO VERMELHO - Albert Lamorisse
 A TRAPAÇA - Federico Fellini
 A GRANDE ILUSÃO - Jean Renoir
 HIROSHIMA MEU AMOR - Alain Resnais
 RIFIFI - Jules Dassin
 REINADO DO TERROR - Joseph H.Lewis
 O SALÁRIO DO MEDO - H.G.Clouzot
 TERESA RAQUIN - Marcel Carné
 A DOCE VIDA - Federico Fellini
 OS VENCIDOS - Michelangelo Antonioni
 O GRANDE DITADOR - Charles Chaplin
 ACOSSADO - Jean Luc Goddard
 UM CONDENADO À MORTE ESCAPOU - Robert Bresson
 UM ROSTO NA NOITE - Luchino Visconti
 FANTIAIS - W. Disney
 O ULTIMO HURRA - John Ford
 CILADA MORTÍFERA - Irving Lerner
 AQUELE QUE DEVE MORRER - Jules Dassin
 AS GRANDES MANOBRAS - René Clair

OS PRIMOS - Claude Chabrol
 OS INCOMPREENDIDOS - François Truffaut
 BROTO PARA O VERAÔ - Edouard Molinaro
 ORFEU - Jean Cocteau
 S.M. Sr. CARLONI - Alessandro Blasetti
 NAO DEIXAREI OS MORTOS - Kân Ichicava
 NOITES DE PAIXÃO - Arne Matsson
 AS DIABÓLICAS - H.G. Clouzot
 É PRIMAVERA - Renato Castellani
 O BELO ANTÔNIO - Mauro Bolognini
 AMANTES - Louis Malle
 OS TRAPACEIROS - Marcel Carné
 DEPOIS DO VENDAVAL - John Ford
 O SOL POR TESTEMUNHA - René Clement
 A BALADA DO SOLDADO - Grigori Tchoukhrai
 ACONTECEU EM 20 de JULHO - G.W. Pabst
 A UM PASSO DA LIBERDADE - Jacques Becker

PROGRAMA DE OUTUBRO NO
CT: NORMAN MCLAREN

O Cineclube Tirol promoveu no mês de outubro em sua sede, à Avenida Rodrigues Alves, 793, no Tirol, Natal, uma apresentação do famoso realizador canadense de filmes animados por processos especiais, NORMAN MCLAREN, constando o programa de oito filmes gentilmente cedidos pela Filмотeca da Embaixada do Canadá. Os filmes apresentados com geral agrado, na sede do Cineclube e em Colégios de Natal foram os seguintes: DISCURSO DE ABERTURA, FANTASIA HEN HOP. A FÁBULA DA CADEIRA, OS VIZINHOS, LINHAS HORIZONTAIS, LINHAS VERTICAIS e RYTMETIC.

CINEMA DE ARTE EM NOVEMBRO:
OS CONTOS DA LUA VAGA

O Cinema de Arte de Natal, promovido pelo CT, vai exibir no mês de novembro o famoso filme japonês de Kenji Mizoguchi CONTOS DA LUA VAGA (Ugetsu Monogatari), considerado um dos maiores filmes da cinematografia universal. Outros filmes do CA em novembro: O Ferroviário e Um Condenado a Morte Es

R E S E N H A D E
F I L M E S D O
B I M E S T R E

SETEMBRO

ESTADOS UNIDOS

- + Braço é Braço (Noose for a Gunman) - De Edward L. Kahn
- + Cidadela dos Robinsosn (Swiss Family Robinson) - De Ken Annakin.
- + Garotas e Mais Garotas - De Norman Taurog
- + Guerrilheiros, os (Brushfire) - De Jack Warner
- + Obsessão Macabra (The Premature Burial) - Roger Corman.
- + Pirata Real, o (Seven Seas to Calais) - Rudolph Maté
- + Se Meu Apartamento Falasse - Billy Wilder
- + Simbad e a Princesa.
- + Tambores da Africa - James B. Clark
- + Rerra de Renegados (Oklahoma Territory) - E.L. Kahn
- + Terror nos Trópicos.

FRANÇA

- + Crepúsculo de um Poderoso (CSS 117 n'est pas mort) D. John Sacha.
- + Entre o Amor e o Desejo (Tendre et Violente Elizabeth) - Henri Decoin
- + Falsários, os - Maurice Rejame
- + História de um Amor, a (Les Grandes Personnes) - D. Jean Valère
- + Lobos no Rebanho - Hervé Bromberger

B R A S I L

- + Deus e o Diabo na Terra do Sol - Glauber Rocha
- + Garrincha, Alegria do Povo - J.P. de Andrade.
- + Quero Esta Mulher Assim Mesmo - Ronaldo Lupo
- + Rastros na Selva - Mario Civelli

M E X I C O

Aladim e a Lâmpada Maravilhosa - Julian Soller
+ Cantinflas o Transviado - Juan Bustillo Oro
+ Quando Esqueita o Sol
+ Vingança do Chicote Negro, a

I T A L I A

+ Colosso de Rodes, o - Sergio Grieco
+ Teseu e o Minotauro - Silvio Amadio

A L E M A N H A

+ Advogado do Diabo - Robert Siodmark
+ Máscara do Diabo, a - Gerd Oswald

I N G L A T E R R A

Amanhã Srrirei O tra Vez - Lewis Gilbert
+ Monstro le Duas Cãras, o - Terence Fischer

E S P A N H A

+ Rainha o Chantecler, a - Rafael Gil

O U T U B R O

+ Anjo da Pedra, o - Peter Glenville - E.U.A.
+ Artimahas de Amor - Harry Keller
+ Caricéis de Luxo - Delbert Mann
+ Diabo a Carne, o.
+ Demência - Owen Crump
+ Entre Deus e o Pecado - Richard Brooks
Esquina o Pecado - David Miller
+ Hatari - Howard Hawks
+ Homem e Alcatraz - John Frankheimer
+ Jovem do Valente, o
+ Lancelô, o Cvaleiro de Ferro - Cornel Wilde
+ Lolita - Stanley Kubrick
+ Matador de Gigantes - Nathan Juran
+ Menino, o Delfim - James B. Clark
+ Paixões Ocultas - + O Pior Calhambeque do Mundo -
D. Richard Murphy - Quadrilha Escarlata - Frank McDo
nald - Qundo Irmãos se Defrontam - George Englund
Terror das Mulheres, Jerry Lewis - Trezentos de Es
parta, Iuolph Maté - Um Domingo em Nova Iorque -
Peter Tullybury - Os Valentes não se Rendem
FRANÇA Aquela Noite na Prais, Michel Boisrond -
Gestaô Contra X, Fredric Dard - INGLATERRA: Estre
la e Cruz, Phillip Leacock - Luz na Praça - IT.
Aquêê Caso Maldito - Mexico: Cegonha Disse Sim -
Japô: Alucinação Sensual - India: Madre India.